

Não ao massacre nas favelas do Rio de Janeiro

Já são 35 os mortos com a ocupação de favelas do Rio de Janeiro pela polícia militar. Mas os números reais ainda estão por se apurar. Igualmente se passa com os feridos a bala. A maioria dos mortos e feridos é de moradores. Nada tem a ver com o tráfico de drogas. São trabalhadores e jovens estudantes.

Para a polícia, secretário de Segurança e governo do Rio de Janeiro todos carregam uma parte de culpa. Habitam as favelas, logo estão em comunhão com as facções do narcotráfico. Lamentam e lamentam que moradores sejam baleados, arrancados de suas casas, impedidos de retornarem as suas moradias. No fim justificam a opressão sobre o conjunto da população pobre e miserável das favelas. As vidas perdidas são como um tributo inevitável a ser pago por uma causa nobre.

A invasão dos locais de moradias dos milhões de miseráveis do Rio de Janeiro com um aparato de guerra destina-se a caçar os traficantes que ali nasceram, ali viveram e vivem o drama da miséria e ali aprenderam com o crime. Centenas de jovens descaminham para os negócios da cocaína, do craque, da maconha etc. Movimentam um comércio de milhões de reais, alimentando a tara da elite carioca. Criam-se fac-

ções armadas. Um negócio milionário traz outro: o tráfico de armas. Assim, promove-se a prosperidade das drogas, das armas e de ramos conexos à criminalidade.

As facções quadrilheiras controlam mercados e disputam a hegemonia das áreas. Corrompem-se policiais, políticos, advogados, juízes etc. Formam-se os bandos de “justiceiros”. Os comerciantes os financiam. Contam em seus quadros policiais. Constituem-se bons negócios. Como não poderia deixar de ser, as massas pobres das favelas abrigam em seu interior essa movimentação comercial, tida pelo Estado como marginal à economia normal assentada na exploração do trabalho.

O narcotráfico surge das entranhas do capitalismo. Não há governo, policial, sociólogo, parlamentar, padre e pastor que não saiba que as massas abrigam em seu seio apenas os pobres e os traficantes socialmente deformados – são seus filhos, primos, tios e genros que se embrenham para esse ramo de negócio. E que também não saiba que o poder econômico-financeiro do narcotráfico não se abriga no seio dos favelados e sim no da própria burguesia.

Não se pode movimentar mais de 500 bilhões

de dólares anuais no mundo sem que banqueiros e outros capitalistas estejam ganhando, lucrando e acumulando riquezas. De onde vêm as armas traficadas? Não é preciso muito conhecimento para saber que os maiores produtores estão nos Estados Unidos. O México, com sua brutal tragédia, que o diga! Os capitalistas que lucram com essas mercadorias posam nos salões e ao lado deles as autoridades governamentais e policiais encarregadas de sufocar a sangue os narcotraficantes das favelas.

O governo de Lula e de seu aliado Sérgio Cabral no Rio de Janeiro procuram repetir os ensinamentos militares e policiais do imperialismo – os Estados Unidos são também nisso pródigo orientador – de como ganhar a população para seus objetivos de repressão. Criaram as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Primeiro, ocupam militarmente a favela, não importando as mortes. Depois, implantam as UPPs, que devem não só reprimir com armas o retorno dos narcotraficantes como conquistar a população para apoiá-las. Para isso, organizam-se as redes assistenciais, como substitutas ao assistencialismo protagonizado pelo narcotráfico. Jamais a polícia será identificada com a população pobre como parte dela e de

sua defesa. A polícia é o braço armado do Estado burguês para proteger a propriedade capitalista e os interesses materiais dos ricos. Assim, as UPPs somente serão implantadas por meio da violência contra a população.

A experiência mostrou que o mercado de drogas foi comprimido. As facções responderam com o terror. No domingo, dia 21, as facções do narcotráfico iniciaram arrastões, queimas de ônibus e carros nas ruas e avenidas do Rio. Em resposta, o secretário de Segurança acionou um plano de ocupar as favelas que fazem parte do complexo populacional da Penha. Contou com o apoio da Marinha, que participou com blindados.

Esse quadro de horror retrata perfeitamente a decadência do capitalismo e de seu estado de barbárie. Os miseráveis das favelas, pertencendo ou não ao

narcotráfico, são abertamente atacados e oprimidos sob o manto da legalidade e da ordem social. A fração burguesa narcotraficante continua sob proteção de seu poderio econômico.

Os defensores dos Direitos Humanos justificam as mortes desde que resultem da legítima defesa dos policiais e desde que não se verifiquem execuções e torturas. Não, e não! A população pobre e os traficantes das favelas são produto da sociedade de classe.

Nenhuma violência policial deve ser justificada. Que se responsabilizem os capitalistas pelo narcotráfico e pela decomposição social! É no terreno da luta de classes e da organização operária que se combaterá as taras e deformações do capitalismo.

Começar já a luta por um salário mínimo de 3.500 Reais, necessários à sobrevivência digna da fa-

mília operária; pelo fim do desemprego aplicando a escala móvel das horas de trabalho e pela combinação do trabalho com a escola para toda juventude. Essas são as condições iniciais para erradicar as favelas e delas, o narcotráfico.

É com esse programa de transição que a classe operária deve rechaçar a invasão policial dos bairros e favelas e responsabilizar os governos pelos massacres. É esse o ponto de partida para organizar as massas populares em defesa do fim da propriedade privada dos meios de produção e implantação do socialismo. É por essa via que os explorados combaterão as opressões e criarão as condições para a revolução proletária.

Fora a polícia das favelas! Nem mais uma morte! Punir os responsáveis pela invasão das comunidades oprimidas e pelo massacre!